

Resumo: O objetivo da pesquisa é demonstrar a trajetória de surgimento da Ciência da Informação nos países da Europa Ocidental como a Bélgica e a França, e na Europa Meridional, de Portugal e Espanha. Trata-se de um estudo histórico-epistemológico que visa contribuir com a história da Ciência da Informação. Metodologia: como procedimentos metodológicos, a pesquisa é teórica, de cunho bibliográfico e com abordagem qualitativa. Resultados: observa-se que, tanto os países da Europa Ocidental, quanto os da Europa Meridional tiveram forte influência da Documentação e de ações derivadas de Otlet e La Fontaine; com isso, reforçam-se as contribuições dos advogados e da Documentação para a Ciência da Informação, assim como para a sua história, a sua trajetória e sua epistemologia. Conclusões: infere-se que outros estudos acerca da história da Ciência da Informação em outras regiões do mundo necessitam ser realizados como forma de valorização e aprofundamento do campo nos continentes e suas regiões.

Palavras-chave: Ciência da Informação em Portugal; Ciência da Informação na Bélgica; Ciência da Informação na Espanha; Ciência da Informação na França; História da Ciência da Informação.

Abstract: The objective of the research is to demonstrate the trajectory of the emergence of Information Science in Western European countries such as Belgium and France, and in Southern Europe, Portugal and Spain. This is a historical-epistemological study that aims to contribute to the history of Information Science. Methodology: as methodological procedures, the research is theoretical, bibliographic in nature and with a qualitative approach. Results: it is observed that both Western European and Southern European countries had a strong influence from the Documentation and actions derived from Otlet and La Fontaine, this reinforces the contributions of lawyers and Documentation to Information Science, as well as to its history, trajectory and epistemology. Conclusions: it appears that other studies on the history of Information Science in other regions of the world need to be carried out as a way of valuing and deepening the field on the continents and their regions.

Keywords: Information Science in Portugal; Information Science in Belgium; Information Science in Spain; Information Science in France; History of Information Science.

Introdução

Esta pesquisa pretende apresentar perspectivas de surgimento da Ciência da Informação entre países da Europa Ocidental e Meridional. A adoção de enfoque por perspectivas ou perspectivismo para descrever como a Ciência da Informação se constitui entre localidades distintas é um ponto de vista utilizado pelo pesquisador López Yepes (1995), e que foi utilizado neste estudo de modo parcial. Com uso dos termos *antagonismos conceptuales*, López Yepes (1995) utilizou-se de perspectivas para explicar a constituição da Ciência da Informação nas escolas norte-americana, alemã, soviética e espanhola.

Segundo López Yepes (1995), não há consenso entre o início ou formação da Ciência da Informação no mundo, pois sua história não é linear, nem tampouco se desenvolve de forma igualitária em países/regiões. Há os pesquisadores que defendem que o campo se originou em perspectiva europeia, como Rayward (1996, 1997, 2018) e Wersig (1993), e os que defendem que o campo surgiu nos EUA, como Barreto (2002a, 2002b), Capurro (2003), Rabello (2008, 2012) e Saracevic (1995, 1996), por meio da explosão documental no pós-guerra.

Segundo as perspectivas de López Yepes (1995), a história e trajetória da Ciência da Informação deve ser compreendida por suas distintas manifestações geográficas. No entanto, nesta pesquisa, a organização por perspectivas não foi pautada em países francófonos, anglo-saxônicos, russos ou germânicos, como realizado por López Yepes (1995), Araújo (2009, 2018), Rabello (2008, 2012) e Pando (2018). Acredita-se, pois, que apesar de valiosa, a percepção por idiomas não é precisa nem agregadora, já que países como a Bélgica, por exemplo, possuem mais de um idioma além do francês, o que a torna parcialmente francófona. Outro motivo é que alguns países considerados como anglo-saxônicos ou francófonos estão dispersos por continentes e regiões muito distintas, como, por exemplo, nos países que possuem o francês como idioma oficial, mas que estão alocados nas Américas, Europa, Ásia e África. A perspectiva utilizada foi apenas por proximidade geográfica.

Portanto, esta pesquisa tem por objetivo apresentar a trajetória de surgimento da Ciência da Informação nos países da Europa Ocidental como a Bélgica e a França, e na Europa Meridional, de Portugal e Espanha. A pesquisa também destaca alguns pesquisadores expoentes de cada região para a Ciência da Informação. Trata-se de um estudo histórico-epistemológico que visa contribuir com a história da Ciência da Informação entre continentes e suas regiões.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa teórica, de cunho bibliográfico. A pesquisa bibliográfica é aquela que se “[...] realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados” (SEVERINO, 2007:118). Os textos são, então, fontes a serem pesquisadas para o desenvolvimento de novas pesquisas.

A pesquisa tem abordagem qualitativa, não visa quantificar dados ou resultados. A pesquisa qualitativa “[...] é uma ciência baseada em textos, ou seja, a coleta de dados produz textos que nas diferentes técnicas analíticas são interpretados hermeneuticamente [...]” (FLICK e COLS, 2000 citado por GÜNTHER, 2006:202), como o estudo em tela.

A busca bibliográfica foi realizada nos principais periódicos da Ciência da Informação, na Base de Dados Referenciais em Ciência da Informação (BRAPCI), e no Google Scholar. Os termos de busca empregados foram: Ciência da Informação e Bélgica; Ciência da Informação e França; Ciência da Informação e Espanha; Ciência da Informação e Portugal, tanto em português, quanto em inglês e espanhol. A busca bibliográfica foi realizada de 1948 a 2024. Nenhum período foi delimitado para a busca bibliográfica, visto que se trata de um estudo com abordagem histórico-epistemológica.

A Ciência da Informação na Europa Ocidental: Bélgica e França

A perspectiva belga na Ciência da Informação foi derivada de seu principal marco histórico que é a Documentação, que precedeu a Ciência da Informação, por Paul Otlet e Henri La Fontaine. A história da Documentação se confunde com a trajetória da Bélgica em seus construtos na Ciência da Informação.

Para Rayward (1997), a Ciência da Informação com suas bases na Documentação já era institucionalizada nos moldes modernos, nos sistemas e procedimentos técnicos, e nas atividades profissionais desempenhadas na International Federation for Information and Documentation, e nas décadas seguintes (de 1895 até os anos de 1930). Afirma Rayward (1997:3), que ocorreu uma aventura bibliográfica na Bélgica no final do século XIX, que fora a própria Documentação. Desse feito, toda a Ciência da Informação, inclusive dos EUA e em qualquer outra parte do mundo, se beneficiou no desenvolvimento da Documentação (RAYWARD, 1997). Nesse sentido, os esforços de Otlet e La Fontaine na congregação do *Répertoire Bibliographique Universel* e na Documentação foram importantes para a constituição da Ciência da Informação na pós-modernidade.

Na trajetória belga e mais precisamente no terceiro trimestre de 1895, Otlet e La Fontaine conseguiram patrocínio para a realização da Conferência Internacional de Bibliografia e outras cinco conferências antes da Primeira Guerra Mundial (1895, 1897, 1900, 1908 e 1910) – (RAYWARD, 1997). Em 1910, o governo belga autorizou a criação da Union on International Associations que facultou no desenvolvimento do Museu Internacional que posteriormente, se tornou o Mundaneum. Em 1920, a Universidade Internacional Belga foi constituída e perdurou até seu fechamento pelo governo em 1934.

A Otlet também é atribuída a ideia primeira do que seria os hipertextos e *hyperlinks* e de arquivos contendo materiais em distintas mídias e formatos, como textos, imagens, mapas, fotografias, entre outros. Segundo Rayward (1997:13), Otlet deixou em seu legado “[...] muito mais do que os caóticos despojos de suas várias organizações. Sepultadas na montanha de seus escritos e de toda a Documentação que a ele sobreviveram encontram-se importantes ideias e relações intelectuais”.

O sonho de Otlet era tornar o catálogo uma espécie de enciclopédia classificada pela Classificação Decimal Universal. Como visionário nato, o advogado belga pensou em sistemas e mecanismos de busca e de consulta e no acesso rápido e preciso da informação, o que lhe remete aos ideais dos sistemas tecnológicos de recuperação da informação e da Internet (RAYWARD, 1997). Segundo Barreto (2007), a premissa de acesso livre a informação surgiu a partir de Otlet e não com a Internet. Os feitos de Otlet e La Fontaine são em momentos da Ciência da Informação internacional, considerados como o berço não somente dos estudos bibliográficos e da Documentação, mas como da própria Ciência da Informação. A importância da perspectiva belga para a área é, senão, fundamental e fatídica e se repercute em outros países e regiões e, em especial, da França.

A trajetória da França na Ciência da Informação é constituída por outros acontecimentos para além de sua forte aproximação com a Documentação de Otlet e La Fontaine. Devido à influência preponderante e aceitabilidade dos pesquisadores da França na inclusão da Ciência da Informação com a Comunicação, a principal denominação para o campo foi tida como *Sciences de l'Information et de la Communication* (SIC) – (Ciências da Informação e Comunicação).

A França foi pioneira no mundo na formação de profissionais e, em 1821, a École Nationale des Chartes já formava arquivistas, arquivistas-paleógrafos (CUNHA, 1999) e bibliotecários. Por isso, o desenvolvimento da Ciência da Informação aconteceu no país, sobretudo, com foco na formação de profissionais, com diversos cursos preparatórios para bibliotecários e arquivistas ofertados pelas associações profissionais.

Entre as entidades formadoras de profissionais, destaca-se a Association des Archivistes Français (AAF), fundada em 1904, e a Association des Bibliothécaires Français (ABF) com fundação em 1906, além de outras instituições como a École du Louvre, para o ensino da Museologia (ARAÚJO, 2014). Couzinet, Silva e Menezes (2007) enfatizam, do mesmo modo, a forte relação com a educação profissional relacionada à organização e tratamento de artefatos de informação na França, e explicam que a isso se deve provavelmente, seu caráter de ciência mais voltada aos aspectos técnicos e profissionais em detrimento da reflexão crítica e teórica no país. Cunha (1999) ressalta inclusive, que a distinção entre a formação de bibliotecários e documentalistas é uma especificidade francesa que se alastrou por outros países e continentes.

À luz da perspectiva da França na Ciência da Informação nota-se a imprescindibilidade da figura do bibliotecário Gabriel Naudé para a história da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Naudé foi bibliotecário da Richelieu e depois da Bibliothèque Mazarine, e devido as suas ações, impulsionou a criação da Biblioteca Nacional da França (TÁLAMO e SMIT, 2007).

Entretanto, as discussões literárias em relação à França costumam focalizar sua história a partir das realizações de Otlet e La Fontaine (ARAÚJO, 2009, 2014, 2018; BARRETO, 1999, 2002a, 2002b, 2007, 2008; LÓPEZ YEPEZ, 1995; PANDO, 2018; PINHEIRO, 1997, 2000, 2002, 2004, 2005; RABELLO, 2008, 2012). Para Rabello (2008, 2012), as realizações dos advogados belgas e do *Tratado de Documentação* formaram a base dos estudos da Ciência da Informação na França e na União Europeia. Diante desse cenário, a França é, por muitas vezes, descrita como uma descendente da Bélgica na trajetória da Ciência da Informação por meio da Documentação de Otlet. Por outro lado, a história da Bélgica na Ciência da Informação se confunde com a da França por suas fortes influências advindas da Documentação.

Outra importante obra intitulada de *Introduction générale aux sciences et techniques de l'information et de la documentation*, que foi confiada aos franceses Claire Guinchat e Michel Menou, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1981, merece atenção na história da Ciência da Informação na França. A obra recebeu colaboração da instituição e de professores como J. Meyriat, W. L. Saunders e até mesmo do americano Harold Borko, além de outros, e responde aos aspectos profissionais e técnicos do fazer do profissional da informação na época.

Menou foi responsável por outros trabalhos de renome na Ciência da Informação francesa, como o artigo *Cultura, informação e educação de profissionais de informação nos países em desenvolvimento*, traduzido para o português e publicado na revista *Ciência da Informação* em 1996. Em crítica, Menou (1996) expõe que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação são frutos da cultura de países industrializados e seus currículos apresentam necessidade de africanização.

Na tangente reflexiva das abordagens de Otlet, a bibliotecária, documentalista, historiadora e feminista Suzane Briet (1894-1989) é também, outra referência importante à história na Ciência da Informação na França (BUCKLAND, 1995). A bibliotecária e seguidora das premissas de Otlet, por intermédio do seu renomado texto *Quest-ce que la documentation?*, publicado originalmente em francês em 1951, contribuiu para a extensão e alargamento de definição de documento pelo mundo. Em sua emblemática descrição de documento, Briet (1951) pergunta se uma estrela ou um animal vivo podem ser considerados como um documento. Em resposta, Briet (1951) explica que não podem, a não ser que existam fotografias e catálogos de estrelas, pedras em um museu de mineralogia, ou ainda, animais catalogados e expostos em zoológico.

Nesse ínterim, Briet (1951) apresentou a Documentação, discussão a respeito de um antílope como um documento. Para a autora, em verdade não o é, mas se houver algum tipo de registro de suas ações e, ainda, a catalogação dessa frente, o animal será o documento inicial que poderá gerar outros documentos. Segundo López Yepes (1995), a simples catalogação e descrição física de um objeto em suportes, o converte para um documento inicial nos preceitos de Briet (1951). As autoras Tonello e Mádio (2018) sintetizam os preceitos de Otlet (1934) e Briet (1951), e explicitam que para Otlet, documento é qualquer registro do conhecimento, disposto em diferentes tipos de suportes com conteúdo – informação. Já para Briet (1951), documento é compreendido principalmente em contexto de prova. Fato é que Briet (1951) se tornou uma das principais pesquisadoras da Documentação na França.

Estudos acerca da Documentação foram desenvolvidos por outros diversos autores em meio a contestadores e adoradores dos ideais de Otlet. Bradford (1951), Vickery (1959), Shera (1966), Sagredo Fernández e Izquierdo Arroyo (1983), López Yepes (1995) e outros estudiosos de diversas nacionalidades são exemplos de seus seguidores (Ortega, 2009).

Segundo Couzinet, Silva e Menezes (2007), o movimento de formação da Ciência da Informação na França teve início somente a partir de 1960, por pesquisadores como Robert Escarpit (professor na Universidade de Bordeaux 3), Jean Meyriat (diretor de estudos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais) e diretor do Centro de Documentação do Instituto de Estudos Políticos, em Paris, e por Roland Barthes (semiólogo). Esses pesquisadores/professores estariam motivados na inserção da Ciência da Informação na França devido à insatisfação com suas próprias disciplinas que não forneciam subsídios suficientes para discutir seus objetos. Escarpit, Meyriat e Barthes foram responsáveis pela criação do Comitê de Ciências da Informação e Comunicação no país. Contudo, nesse viés da história da França na Ciência da Informação, já é possível vislumbrar adoção da Comunicação em junção à disciplina no país (COUZINET, SILVA e MENEZES, 2007), outra frente dos estudos do campo na França.

Em 1974 foi criada a Société Française des Sciences de l'Information et de la Communication (SFSIC), com sede na Maison des Sciences de l'Homme, que objetivava representar as Ciências da Informação e da Comunicação em órgãos governamentais, de pesquisa e de instituições de ensino superior (ARAÚJO, 2014). Couzinet (2004, citado por COUZINET, SILVA e MENEZES, 2007) considera que as Ciências da Informação (no plural), na França, foram criadas a partir de 1975, por meio da 52ª seção do Comité Consultatif des Universités (CCU), organismo encarregado da gestão de carreiras no Ministère de l'Éducation Nationale et de la Recherche que se tornou, após modificações, em 1981, o Conseil National des Universités (CNU).

Araújo (2014) relata que a formalização das *Sciences de l'information et de la Communication* só foi considerada como disciplina universitária em 1975 pelo Conselho Nacional de Universidades. Na pós-graduação, os primeiros cursos de mestrado e doutorado foram desenvolvidos na década de 1970, por iniciativa de Jean Meyriat da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). A Association des Professionnels de l'Information et de la Documentation, de 1963, foi a primeira associação profissional do campo de informação e documentação da Europa.

Couzinet, Silva e Menezes (2007) explicam que a associação da Ciência da Informação com a Comunicação na França pode ser compreendida e justificada com base em Meyriat (1981), que se espelha na informação como o conteúdo cognitivo do processo de comunicação. Nessa acepção, o processo comunicacional funciona quando pessoas se comunicam e há influência nas condições de sua criação, transmissão e recepção.

Rabello (2012) cita a revisão constante de aspectos da França no final do século XIX e início do XX na indisposição entre os bibliotecários tradicionais e os documentalistas. Para tanto, os tradicionais voltavam seu trabalho na organização de seus acervos entre temáticas gerais, mas, sobretudo, com visão paternalista, educativa e universalista. Já os documentalistas, objetivavam o tratamento e a disponibilização da documentação especializada e científica com foco na tradição do movimento bibliográfico de Otlet.

Na trajetória da Ciência da Informação na França, existem, portanto, três pontos que se diferem: a natureza de seus estudos mais voltados aos fazeres profissionais; os traços marcantes da Documentação considerados no país; e a aproximação da Comunicação à Ciência da Informação. Já em relação a Naudé e seus objetivos na biblioteca pública, pouco se aborda a seu respeito na literatura científica da área, e em Menou, a situação é semelhante.

Contudo, as contribuições da França para o surgimento e consolidação da Ciência da Informação carecem de compreensão para além da Documentação, e sobretudo, por sua trajetória com foco profissional e interdisciplinaridade com a Comunicação e, essencialmente por meio de seus principais pensadores como Naudé, Guinchat e Menou, Briet, Meyriat e outros.

A Ciência da Informação na Europa Meridional: Espanha e Portugal

Influenciada principalmente por Otlet e La Fontaine na perspectiva belga e francesa da Ciência da Informação, a participação da Espanha no fortalecimento da Ciência da Informação deve ser destacada. A Espanha inicia seu curso juntamente à Ciência da Informação em 1856, quando a educação profissional no campo acontece na Escuela de Diplomática criada por meio de um decreto real (ARAÚJO, 2014).

Rochester e Vakkari (2003) em documento associado à International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA), intitulado por *International Library and Information Science research: a comparison of national trends* enfatizam que a Ciência da Informação na Espanha teve fortes influências de Otlet, La Fontaine e Briet.

López Yepes (1995), notório pesquisador da Ciência da Informação espanhola, explica o contexto de surgimento do campo principalmente com base em Otlet e seus feitos e nos

dizeres de autores exponenciais no país. O primeiro deles é o trabalho *Que és Documentación?: Teoría e historia del concepto em España* publicado em Madrid em sua primeira edição (1978), pelo professor Ros García.

Outro nome importante na corrente espanhola foi Ortega y Gasset. O filósofo realizou em Madrid em 1935 (um ano após a publicação do *Tratado de Documentação* de Otlet), o solene discurso em defesa dos bibliotecários, o que se vislumbra no título do discurso *Misión del Bibliotecario*. López Yepes (1995) sumariza que as discussões apresentadas por Ortega y Gasset apresentaram novas circunstâncias de contextos científicos e culturais como causas que incentivaram o surgimento do campo que vão além da esfera unívoca dos bibliotecários. Observa-se a possível influência de Otlet no pensamento do autor que sobrepôs tarefas similares aos bibliotecários no movimento documental otletiano (LÓPEZ YEPES, 1995).

De modo geral, a Espanha se apoiava nas publicações de seus periódicos como o *Boletín de la Dirección General de Archivos y Bibliotecas*, de Madrid, de 1951; do *Boletín de la Asociación Nacional de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos* (ANABA), de Madrid, de 1950; da revista *Biblioteconomía*, de Barcelona, de 1954; do *Boletín de Documentación del Fondo para la Investigación Económica y Social*, de Madrid, de 1969 e da renomada *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, de Madrid, de 1976 (LÓPEZ YEPES, 1995), para as discussões mais relevantes acerca da Documentação e Ciência da Informação no país. Os estudos oficiais em Biblioteconomia e Documentação se fortaleceram na Espanha em 1978, quando o Ministerio de Educación y Ciencia publicou um decreto estabelecendo sua criação no sistema universitário espanhol. Logo após, em 1981, planos de estudos que deveriam ser seguidos pelas universidades espanholas foram publicados. A primeira universidade a seguir o roteiro proposto foi a de Barcelona, com início de suas atividades em 1982-1983 (ARAÚJO, 2014).

Com influência da International Federation for Information and Documentation, a Espanha inicia atuação na prestação de serviços de informação em ciência e tecnologia e, em 1952, o Centro de Información y Documentación del Patronato Juan de la Cierva é criado no país. Em 1975, o Centro de Documentación se torna o Instituto de Información y Documentación en Ciencia y Tecnología (ICYT) (ARAÚJO, 2014), demonstrando o desenvolvimento de importantes institutos de estudo em Documentação, ciência e tecnologia na Espanha.

Outros destaques em instituições que fomentaram a ampla discussão da Ciência da Informação na Espanha foram: a Escuela de Diplomática da Cátedra de Bibliografía da Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Complutense de Madrid; a Escuela de Bibliotecarias de la Diputación Provincial de Cataluña, de 1911, e outras como a escola Técnica de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos, de 1951, e os Cursos sobre Técnicas de Archivos, Bibliotecas y Documentación realizados pelo Fondo para la Investigación Económica y Social existente desde 1971 (LÓPEZ YEPES, 1995). No final de 1960, a Universidade de Navarra é constituída (ARAÚJO, 2014).

Ao final do congresso de 1935, em que Ortega y Gasset realiza seu discurso em prol dos bibliotecários, Lasso de la Vega publica, a respeito da Biblioteconomia, algumas conclusões na seção espanhola do II Congresso Internacional de Bibliotecas y Bibliografía. Lasso de la Vega foi o primeiro autor a abordar a Documentação sem dependência da Biblioteconomia no país, o que enaltece sua participação enquanto importante pesquisador espanhol da

Ciência da Informação. O autor introduziu a Ciência da Documentação na Espanha e propagou seu desenvolvimento no país a partir da obra *Manual de Documentación* e da introdução e implantação da Classificação Decimal de Dewey na perspectiva espanhola. Lasso de la Vega possui ampla bibliografia e o trabalho *Cómo se hace una tesis doctoral*, manual de técnica de la Documentación de 1947, o tornou ainda mais onipresente na história espanhola da Documentação e da Ciência da Informação (LÓPEZ YEPES, 1995).

A influência de Otlet foi fundamental na consolidação do projeto da Ciencias de la Documentación (termo preferido em relação à Ciência da Informação no país) da Espanha que visou integrar a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia. Araújo (2014) salienta distintos contextos e abordagens que prevaleceram na Espanha nessa sementeira, em destaque a perspectiva biblioteconômica de Bradford e Shera; a documental com Briet e Pietsch e a informativa de Mooers, Borko e outros discípulos da Information Retrieval e Information Science.

A Espanha buscou transpor os ideais de Otlet na junção das práticas profissionais envoltas no processo informativo-documental. A perspectiva espanhola possui vertente mais preponderante como técnica, o que explica as diversas instituições profissionais do país sobre a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia (ARAÚJO, 2014). De acordo com Rochester e Vakkari (2003), na Espanha não existia forte tradição acadêmica em Biblioteconomia e Ciência da Informação e foi somente a partir de 1995 que os cursos de Biblioteconomia/Documentação foram reconhecidos como acadêmicos. A pesquisa em Ciência da Informação ocorre há 50 anos na Espanha e tem sido associada à Biblioteconomia (ROCHESTER e VAKKARI, 2003). Mas essa não é mais a realidade atualmente.

Nessa constante, Araújo (2014) cita o enquadramento das Ciências Documentais por López Yepes (1995), que não poupa esforços em sua defesa e que a categorizou em quatro eixos de pesquisa principais: 1) o marco organizativo da atividade documental (serviços, sistemas, centros e políticas de Documentação); 2) tratamento e análise da informação documental; 3) recuperação e disseminação da informação documental; e 4) perspectiva empresarial da gestão da informação nas organizações com forte influência americana.

Outra perspectiva de estudos que se propagou na Espanha foi a gestão da informação que teve como principais pesquisadores dessa discussão, Felipe Gómez-Pallete, José Lopéz Hernández, José López Yepes, Juan Ros García, José Antonio Moreira González e outros que debateram a gestão da informação e sua relevância na *Information Science* (LÓPEZ YEPES, 1995). Tidas como sistemas de informação, as instituições passam a prevalecer enquanto objeto de estudo da Ciência da Informação e na gestão da informação. Por isso, a informação deixa de ser apenas administrativa para se figurar como principal ativo de toda organização (LÓPEZ YEPES, 1995).

Ortega (2009) informa que a produção científica e cursos profissionalizantes foram efetivados de fato na Espanha, a partir dos anos 1970. Segundo a autora, a primeira obra histórico-conceitual denominada *Teoría de la Documentación*, publicada por López Yepes em 1978 e atualizada em 1995, com o título *La Documentación como disciplina: teoría e historia* é um dos marcos fundamentais nas discussões teóricas do campo no país. De acordo com Silva e Ribeiro (2002), outro nome aclamado da Ciência da Documentação na Espanha é o da pesquisadora Emília Currás, além de Ros García e López Yepes.

Assim como Lasso de la Vega, López Yepes (1995) compreende a Documentação e seus processos como condição necessária para a atividade científica e para o desenvolvimento da ciência e da Ciência da Informação. Conquanto, em situação de proximidade com a Documentação, a Ciência da Informação tem seu nome reconhecido como Ciências Documentais ou Ciências da Documentação e exponencialmente por López Yepes e Lasso de la Vega, na Espanha. A Espanha, na Ciência da Informação, pode ser destacada por sua longa trajetória profissional e científica, por seus pesquisadores e instituições de ensino catedráticas que continuam a contribuir com novos pesquisadores e literatura do campo.

Já em Portugal, a adoção do termo Ciência da Informação ocorreu na Universidade do Porto em 2001, a partir do curso de Licenciatura em Ciência da Informação (ORTEGA, 2009). Portugal foi um dos primeiros países do mundo a possibilitar formação superior em Informação/Documentação. A formação de arquivistas e bibliotecários já ocorria no país desde 1887, quando o primeiro curso foi inaugurado.

O curso que formava bibliotecários-arquivistas se manteve por um longo período com matriz bastante historicista e patrimonialista. Entre o ensino e práticas referentes à Paleografia e Diplomática, em 1796 na Universidade de Coimbra, a primeira disciplina de Diplomática de responsabilidade de João Pedro Ribeiro, é criada em Portugal. Seu ensino se tornou elementar e obrigatório (fundamentado no alvará de 20/02/1801) para o exercício da profissão que passou a ser de responsabilidade do Arquivo da Torre do Tombo (BORGES e SIQUEIRA, 2020).

A mudança de enfoque no curso ocorreu com a promulgação da República em 5 de outubro de 1910, o que fez emergir a necessidade de acesso maior à informação e à leitura (BORGES e SIQUEIRA, 2020; SOUZA e RIBEIRO, 2009). De acordo com Borges e Siqueira (2020), a modificação nas práticas de arquivos e bibliotecas advindas com a Revolução Francesa ecoa em Portugal e induz o país, assim como outros da Europa, a repensar seus modos de organização de documentos.

O curso superior de bibliotecário-arquivista foi promulgado no Decreto de 29 de dezembro de 1887, por meio da Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos e, mais especificamente, no artigo 13.^o. A formação tinha duração de dois anos, seguia modelos franceses e era constituída em parâmetros profissionais e técnicos, o que lhe conferiu os adjetivos de curso historicista e patrimonialista. Todavia, o país respondia as suas necessidades em informação e conhecimento e na formação de sua primeira graduação a respeito da organização do conhecimento (BORGES e SIQUEIRA, 2020).

Em 1918, o curso superior de bibliotecário-arquivista é remodelado e passa a ser designado por curso de Biblioteconomia e Arquivística. Em 1931, e após reforma estrutural das bibliotecas e arquivos estatais, a legislação do mesmo ano transformou o curso superior de bibliotecário-arquivista com *status* exclusivamente profissional. É importante frisar que o curso de Biblioteconomia e Arquivística era de responsabilidade da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e que somente a partir de 1931, passou à coordenação da Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos do país (SOUZA e RIBEIRO, 2009). Outro ponto de destaque nessa trajetória, é que somente indivíduos detentores de bacharéis ou licenciaturas em História-Filosofia poderiam realizar a graduação em Biblioteconomia e Arquivística (BORGES e SIQUEIRA, 2020).

Portanto, três acontecimentos foram vitais para a reformulação e constituição da Ciência da Informação em Portugal nos pós República:

1. a criação da Universidade de Lisboa;
2. a passagem para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que fomentou um tempo depois o curso de bibliotecário-arquivista em nível universitário (SILVA e RIBEIRO, 2002);
3. a formação da Universidade do Porto.

Borges e Siqueira (2020) explicam que enquanto algumas disciplinas eram lecionadas na Universidade de Lisboa, outras de cunho técnico como a Diplomática, a Numismática e Bibliologia continuavam a ser proferidas no Arquivo do Tombo e/ou na Biblioteca Nacional de Portugal.

De 1970 em diante, e devido a mudanças ocorridas no cenário dos estudos e práticas da informação e Documentação, e da própria Ciência da Informação no país, o curso de bibliotecário-arquivista tornou-se arcaico. Diante das circunstâncias, Ribeiro (2002:20-21) ressaltou que “O tecnicismo apurado dificilmente sobreviverá sem o suporte de um conhecimento adequado do fenômeno informacional que socialmente nos envolve.” Por conseguinte, as atualizações no curso foram realizadas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e do curso de especialização em Ciências Documentais, que substituiu o curso do bibliotecário-arquivista. Fato que demonstra proximidade do país com o campo da Documentação, tal como em outros países da Europa como a França e a Espanha, por exemplo.

Assim, o primeiro curso de especialização em Ciências Documentais foi criado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1982 (SOUZA e RIBEIRO, 2009). Dessa forma, Portugal investiu esforços no ensino e aperfeiçoamento muito mais na Documentação, que na Ciência da Informação.

Outro marco de destaque da história da Ciência da Informação portuguesa foi a criação de seu primeiro periódico científico específico do campo em 1963, *Cadernos BAD: Revista da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*, que continua com periodicidade ativa. Pouco tempo depois, a comunidade científica do campo no país projetou e inaugurou os Encontros de Bibliotecários e Arquivistas de Coimbra em 1965 (BORGES e SIQUEIRA, 2020). Também a Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas, Profissionais da Informação e Documentação (BAD), criada em 1973, tornou-se uma importante associação profissional no país.

Entre eventos principalmente na década de 1990, e reuniões de profissionais e pesquisadores do campo, o livro *Das ‘Ciências’ Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular* de Armando Malheiro da Silva e Fernanda Ribeiro é publicado em 2002. A obra teve como objetivo apresentar as principais discussões e propostas de mudanças curriculares, anteriormente debatidas entre representantes do campo no país. Entre suas metas foi esperado que atualizações nos currículos de ensino do país pudessem ser fomentadas na formação de novos profissionais e futuros pesquisadores da Ciência da Informação.

Após a publicação da obra de Silva e Ribeiro, em 2001/2002, a primeira licenciatura em Ciência da Informação na Universidade do Porto foi institucionalizada. A licenciatura foi instituída em parceria entre a Faculdade de Letras e a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (UNIVERSIDADE..., 2001-2024), fato que perdura na atualidade.

Considerada como uma Ciência da Informação bastante recente em relação a outros países da Europa, Souza e Ribeiro (2009) informam que já havia, em Portugal, outras 12 licenciaturas em andamento no país, além de 16 cursos de mestrado e cinco de doutorado em Ciência da Informação. Não por acaso, a Ciência da Informação portuguesa tem nas figuras de Armando Malheiro da Silva e Fernanda Ribeiro (também na constante da arquivística pós-custodial – ARAÚJO, 2014) os principais pesquisadores do campo no país e em contexto internacional.

A trajetória portuguesa na Ciência da Informação é demarcada por fortes laços com a Documentação e com as práticas francesas. Entretanto, Portugal possui história recente no uso do termo Ciência da Informação, em comparação a outros países da Europa, no que também se observa interdisciplinaridade entre campos do conhecimento e universidades para sua emancipação.

Considerações finais

Na Europa Ocidental, a perspectiva da Bélgica na Ciência da Informação foi derivada de seu principal marco histórico, a Documentação, por Paul Otlet e Henri La Fontaine. Sua história na Documentação se confunde a trajetória da própria Bélgica na Ciência da Informação. Devido a importância da Documentação em si e para o que viria a ser a Ciência da Informação no futuro, a história da Bélgica torna-se um expoente na história da Ciência da Informação.

Outros momentos importantes da Bélgica foram a criação do *Repertório Universal de Bibliografia*, do Instituto Internacional de Bibliografia e da ideia do Mundaneum. Otlet e La Fontaine são, sem dúvida, os representantes dos ideais da Documentação e de feitos como a CDU, ações que influenciam toda a trajetória da Ciência da Informação em grande parte da Europa.

A França teve forte entrosamento com a Comunicação na formação da Ciência da Informação, de tal forma que a área foi denominada por *Sciences de l'information et de la Communication*. Outro ponto importante da França foi a questão profissional, que foi altamente desenvolvida no país. Por isso, a Ciência da Informação teve foco na formação de profissionais, com diversos cursos preparatórios para bibliotecários e arquivistas ofertados pelas associações profissionais, além da formação de arquivistas, arquivistas-paleógrafos e bibliotecários na École Nationale des Chartes, que também influenciou o Brasil. O bibliotecário Gabriel Naudé foi uma importante figura para a história da Biblioteconomia na Richelieu e depois da Bibliothèque Mazarine, assim como para o acesso público à informação. Outra pesquisadora e bibliotecária expoente foi Suzane Briet com a ideia do documento ampliado e Menou por meio da Biblioteconomia vista culturalmente. Também Meyriat foi um importante pesquisador para a emancipação da Ciência da Informação no país.

Na Ciência da Informação na Europa Meridional, a Espanha inicia sua trajetória na Ciência da Informação em 1856, quando a educação profissional no país acontece por meio da Escuela de Diplomática. Também a Ciência da Informação na Espanha teve fortes influências de Otlet, La Fontaine e Briet em sua história, de tal modo que Ciencias de la Documentación foi o nome atribuído a Ciência da Informação no país. Ros García, Ortega y Gasset, Lasso de la Vega, López Yepes e Emília Currás foram e são importantes pesquisadores da Documentação e Ciência da Informação espanhola. A perspectiva espanhola possui vertente mais preponderante como técnica, o que explica as diversas instituições profissionais do país sobre a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia. Outra perspectiva de estudos que também se propagou na Espanha foi a gestão da informação. O país se apoiou durante décadas nas ações e publicações de seus periódicos como subsídio teórico e prático para as discussões mais importantes acerca da Documentação e Ciência da Informação. A trajetória da Espanha pode ser destacada por sua longa trajetória profissional e científica, por seus pesquisadores e instituições de ensino catedráticas que continuam a contribuir com novos pesquisadores e literatura do campo.

Em Portugal, a adoção do termo Ciência da Informação ocorreu somente em 2001 por meio da Universidade do Porto com o curso de Licenciatura em Ciência da Informação. Após a publicação da obra de Silva e Ribeiro (renomados pesquisadores portugueses) em 2001/2002, a primeira licenciatura em Ciência da Informação na Universidade do Porto foi institucionalizada. Entretanto, a formação de arquivistas e bibliotecários já ocorria no país desde 1887, quando o primeiro curso foi inaugurado.

Um marco de destaque da história da Ciência da Informação portuguesa foi a criação de seu primeiro periódico científico específico, *Cadernos BAD*, em 1963. A Ciência da Informação em Portugal é considerada como bastante recente em relação a outros países da Europa, principalmente porque esteve muito voltada à Arquivologia e à Biblioteconomia. Entretanto, a trajetória portuguesa na Ciência da Informação é demarcada por fortes laços com a Documentação e com as práticas francesas.

A partir das discussões históricas aferidas, observa-se que tanto os países da Europa Ocidental quanto da Europa Meridional tiveram forte influência da Documentação e feitos de Otlet e La Fontaine em suas trajetórias de surgimento. Com isso, reforçam-se as contribuições dos advogados e da Documentação para a Ciência da Informação, para a sua história, a sua trajetória e sua epistemologia. Infere-se que outros estudos acerca da história da Ciência da Informação em outras regiões do mundo necessitam ser realizados como forma de valorização e aprofundamento do campo nos continentes e suas regiões.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, C. A. A.

2018 *O Que é Ciência da Informação*. Belo Horizonte, MG: KMA, 2018.

ARAÚJO, C. A. A.

2014 *Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível*. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros; São Paulo, SP: Associação Brasileira de Profissionais da Informação – ABRAINFO, 2014.

ARAÚJO, C. A. A.

2009 Correntes teóricas da ciência da informação. *Ciência da Informação*. 38:3 (set.-dez. 2009) 192-204.

BARRETO, A. de A.

2008 Uma Quase história da Ciência da Informação. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*. 9:2 (abr. 2008).

BARRETO, A. de A.

2007 Uma História da Ciência da Informação. In *Para entender a Ciência da Informação*. Org. L. M. B. B. Toutain. Salvador, BA: EDUFBA, 2007.

BARRETO, A. de A.

2002a A Condição da informação. *São Paulo em Perspectiva*. 16:3 (2002a) 67-74.

BARRETO, A. de A.

2002b O Tempo e o espaço da Ciência da Informação. *TransInformação*. 14:1 (jan.-jun. 2002) 17-24.

BORGES, L. C.; SIQUEIRA, M. N. de

2020 Percursos da Ciência da Informação em Portugal e no Brasil. In *Ciência da Informação: visões e tendências*. Coord. M. M. Marques, L. E. Gomes. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2020.

BRIET, S.

1951 *Quest-ce que la documentation?* Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951.

BUCKLAND, M. K.

1995 The Centenary of “Madame Documentation”: Suzanne Briet, 1894-1989. *Journal of the American Society for Information Science*. 46:3 (Apr. 1995) 235-237.

CAPURRO, R.

2003 Epistemologia da Ciência da Informação. Trad. Ana Maria Rezende Cabral *et al.* In ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5º, Belo Horizonte, 2003 - *Anais ...* Belo Horizonte, MG: ANCIB, 2003.

COUZINET, V.; SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M.

2007 A Ciência da Informação na França e no Brasil. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*. 8:6 (dez. 2007) 1-18.

CUNHA, M. V. da

1999 A Formação em Ciência da Informação na França, no Canadá e na Dinamarca: comparação com o sistema brasileiro. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. 4:8 (1999) 20-27.

GÜNTHER, H.

2006 Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 22:2 (maio/ago. 2006) 201-210.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.

2001 *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D.

1996 *Dicionário básico de Filosofia*. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1996.

LÓPEZ YEPES, J.

1995 *La Documentacion como disciplina: teoria e historia*. 2ª ed. atual. y ampl. Navarra: Ediciones Universidad del Navarra, 1995.

MENOU, M. J.

1996 Cultura, informação e educação de profissionais de informação nos países em desenvolvimento. *Ciência da Informação*. 25: 3 (1996).

MEYRIAT, J.

1981 Document, documentation and documentalgie. *Revue de Bibliologie*. 19 (1981) 51-53.

ORTEGA, C. D.

2009 Surgimento e consolidação da documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. *Perspectivas em Ciências da Informação*. 14:nº especial (2009) 59-79.

OTLET, P.

2018 *Tratado de Documentação: o livro sobre o livro: teoria e prática*. Trad. Taiguara Villela Aldabalde et al. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2018.

PANDO, D. A.

2018 *Epistemologia da organização da informação: uma análise de sua cientificidade no contexto brasileiro*. Marília, 2018.

Tese de Doutorado em Ciência da Informação - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP).

PINHEIRO, L. V. R.

2005 Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. *Informação & Sociedade: Estudos*. 15:1 (jan./jun. 2005) 13-48.

PINHEIRO, L. V. R.

2004 Informação: esse obscuro objeto da Ciência da Informação. *Revista Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas: Conhecimento e Sociedade*. 3:4 (2004) 1-11.

PINHEIRO, L. V. R.

2002 Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In *O Campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa, PB: UFPB, 2002, p. 61-86.

PINHEIRO, L. V. R.

2000 Infra-estrutura da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. *DataGramZero: Revista de Ciência da Informação*. 1:6 (dez. 2000).

PINHEIRO, L. V. R.

1997 *A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar*. Rio de Janeiro, 1997.

Tese de Doutorado em Comunicação - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

RABELLO, R.

2012 A Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugares de encontro. *Perspectivas em Ciência da Informação*. 17:1 (jan./mar. 2012) 2-36.

RABELLO, R.

2008 História dos conceitos e Ciência da Informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. 13:26 (2º sem. 2008) 16-46.

RAYWARD, W. B.

2018 Organização do conhecimento e um novo sistema político mundial: ascensão e queda das ideias de Paul Otlet. In OTLET, P. - *Tratado de Documentação: o livro sobre o livro teoria e prática*. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2018, p. ix-xxvii.

RAYWARD, W. B.

1997 The Origins of information science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID). *Journal of the American Society for Information Science*. 48:4 (1997) 289-300.

RAYWARD, W. B.

1996 The History and historiography of information science: some reflections. *Information Processing & Management*. 32:1 (jan. 1996) 3-17.

ROCHESTER, M. K.; VAKKARI, P.

2003 International library and information science research: a comparison of national trend. *IFLA Professional Reports: International Organization*. Section on Library Theory and Research. 82.

SARACEVIC, T.

1996 Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun.

SARACEVIC, T.

1995 Interdisciplinary nature of information science. *Ciência da Informação*. 24:1 (1995) 36-41.

SEVERINO, A. J.

2007. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª ed. rev. atual. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVA, A. M. da

2006 *A Informação: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SILVA, A. M. da; RIBEIRO, F.

2002 *Das "Ciências" Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SOUZA, T. B. de; RIBEIRO, F.

2009 Os Cursos de Ciência da Informação no Brasil e em Portugal: perspectivas diacrônicas. *Informação & Informação*. 14:1 (mar. 2009) 82-102.

TÁLAMO, M. de F. G. M.; SMIT, J. W.

2007 *Ciência da informação: a transgressão metodológica*. Fortaleza, CE: Ed. UFC, 2007.

TONELLO, I. M. S.; MÁDIO, T. C. de C.

2018 A Fotografia como documento: com a palavra Otlet e Briet. *Informação & Informação*. 23:1 (jan./abr. 2018) 77-93.

UNIVERSIDADE DO PORTO. Faculdade de Letras

2001-2024 *Licenciatura em Ciência da Informação*. [Em linha]. 2001-2014. Consult. 12 dez. 2024. Disponível em:

https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_view?pv_curso_id=454.

WERSIG, G.

1993 Information science: the study of postmodern knowledge usage. *Information Processing & Management*, 29:2 (mar. 1993) 229-239.

Richele Vignoli | rivignoli@gmail.com

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Brasil